

**“COXINHA”, AFINAL QUEM É VOCÊ?
“COXINHA, WHO ARE YOU AFTER ALL?”**

Marcella Machado de Campos¹
Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(mamachadodecampos@gmail.com)

RESUMO: Considerando as noções de primado do interdiscurso e de interincompreensão regrada (MAINGUENEAU, 2008), temos observado a polêmica em torno do termo “coxinha”. De um lado, há quem afirme que “coxinha” seja sinônimo de objeção ao governo, às minorias e às causas sociais; de outro, os chamados “coxinhas” passaram a atribuir à alcunha os significados de “classe média trabalhadora que não aceita mais essa roubalheira” e “propenso ao trabalho e ao estudo”. Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva verificar em que medida tal termo “organiza, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9). Como dispositivo metodológico, traçamos uma possível gênese do termo e elencamos excertos de jornais e de sites em que a disputa de sentidos quanto ao que se compreende por “coxinha” está mostrada. Finalmente, a partir do confronto das circulações vigentes acerca dos diferentes significados de “coxinha”, pudemos concluir que se trata de uma fórmula discursiva que coloca em xeque o modo de existência dos indivíduos revelado pela maneira como se inscrevem no âmbito do discurso.

Palavras-chave: Fórmula discursiva. “Coxinha”. Interdiscurso. Sociedade. Política

ABSTRACT: Considering the notions of primacy of interdiscourse and inter-incomprehension (MAINGUENEAU, 2008), we have observed the controversy about the term “coxinha”. On the one hand, some say “coxinha” is synonymous with objection to the government, minorities and social causes; on the other hand, the so-called “coxinhas” began to attribute the meanings of “working middle class who no longer accept this robbery” and “prone to work and study” to the nickname. From this perspective, this paper aims to verify to what extent the term “coxinha” “organizes, through discourses, power and opinion relations” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9). As a methodological approach, we drew a possible genesis of the term and listed excerpts from newspapers and websites where the dispute of meanings as to what one understands by “coxinha” is shown. Finally, by comparing the current circulation of the different meanings of “coxinha”, we could conclude that it is a discursive formula that puts at stake the mode of existence of individuals, revealed by the way they are inscribed in the discourse scope.

Keywords: Discursive formula. “Coxinha”. Interdiscourse. Society. Politics.

Considerações iniciais

A instabilidade política do país em decorrência da série de escândalos de corrupção que vêm sendo apurados e a deterioração da atividade econômica, motivada também pelo cenário internacional adverso, se intensificaram com a reeleição da presidente Dilma Rousseff, em novembro de 2014, acirrando os ânimos

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; bolsista CAPES.

de partidários e opositores do governo, e colocando em circulação inúmeros discursos reveladores de posicionamentos antagônicos e, por vezes, contraditórios. Tal circulação condensa e, ao mesmo tempo, põe em voga substratos mais ou menos conscientes do que constitui o que poderíamos considerar como o modo de pensar e de se relacionar de uma dada sociedade.

Tendo em vista que a atividade de pesquisa do analista do discurso se funda a partir da observação atenta do que se passa ao seu redor – olhos e ouvidos alertas são seus primeiros instrumentos de trabalho –, não poderíamos deixar de registrar nossa percepção quanto às diferentes interpretações surgidas e ressignificadas de maneira contínua acerca do termo “coxinha”, que vão muito além do substantivo feminino cujo sentido dicionarizado é “salgadinho que se assemelha com uma coxa de galinha, sendo empanado, frito e, normalmente, acompanhado por um recheio de frango”². Para tanto, nos valem da proposição de fórmula discursiva baseada em quatro propriedades fundamentais, a saber, caráter cristalizado, inscrição em uma dimensão discursiva, funcionamento como referente social e caráter polêmico, conforme proposto por Krieg-Planque (2010). Para corroborar nossa hipótese, apoiamos-nos, ainda, nas noções de primazia do interdiscurso sobre o discurso e interincompreensão regrada (MAINGUENEAU, 2008), e de enunciação (MAINGUENEAU, 2013), que abordaremos em detalhes a seguir.

A relevância de se refletir sobre a fórmula discursiva “coxinha” reside justamente em sua circulação e conseqüente subversão: se no início a então *gíria*³ dizia respeito a algo que fazia parte do imaginário caracteristicamente paulistano, ou paulista, à medida que os mais diversos discursos se propagam, promovendo, por conseguinte, sua difusão, seja por meio de redes sociais, jornais, revistas, televisão ou rádio, “coxinha” adquire novos sentidos e ganha âmbito nacional, podendo ser alçada ao status de fórmula do discurso.

² Definição que consta no dicionário on-line de português Dicio, disponível em www.dicio.com.br/coxinha/. Acesso em 1 dez. 2015.

³ Convencionamos tratar por *gíria* as primeiras instâncias denotativas de “coxinha”, anteriores ao que consideramos como fórmula discursiva.

Uma possível gênese

A tarefa que o analista do discurso empreende na apreensão e no estudo de materialidades linguísticas é bastante desafiadora, uma vez que, em muitos casos, a pesquisa é realizada no olho do furacão de acontecimentos sócio-históricos, sem que ainda haja uma perspectiva diacrônica estabilizada que poderia permitir não só o distanciamento dos pesquisadores em relação aos fatos em si – e não falamos aqui em neutralidade, pois entendemos que, sob o ponto de vista discursivo que abrange, inclusive, as dimensões do social e do político, ela jamais existe –, mas também possibilitaria uma compreensão de maiores amplitude e profundidade de determinado ocorrido na ordem da linguagem.

No caso específico das fórmulas discursivas, esse desafio também se faz presente nas tentativas, às vezes frustradas, de delimitar, em um tempo e um espaço circunscritos, quando uma fórmula se configura e começa a circular como tal. Reforçamos, porém, que embora o objetivo de se estudar determinada fórmula possa passar ao largo da delimitação de sua emergência, é importante vislumbrar suas condições de produção, mesmo que de forma aproximada, pois o estudo discursivo de um termo só pode ser levado a cabo tendo em vista as conjunturas social e histórica que possibilitam o surgimento de uma fórmula específica e não de outra, em um lugar e em um período dados, e não em outros.

Por isso, realizamos um levantamento do que viria a ser a gênese do uso de “coxinha” não mais como substantivo denotativo, porém já como efeito de sentido produzido, uma gíria tipicamente paulistana.

Nas décadas de 80 e 90 – e acreditamos que o cenário não tenha mudado muito a partir dos anos 2000 –, o soldo dos policiais militares em território nacional era muito baixo, notadamente frente ao índice oficial de inflação que, na época, girava em torno de 84,32% ao mês, perfazendo 1.782,90% no ano de 1989⁴. Em um panorama econômico extremamente desfavorável como esse, o poder de compra do vale-alimentação, ou “vale-coxinha” como ficou popularmente conhecido, fornecido pela Polícia Militar inviabilizava que uma refeição fosse, de fato, feita. A alternativa, então, era comer salgadinho, dentre eles a coxinha, em bares e padarias. Na cidade de São

⁴ Dados disponíveis em <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/09/22/inflacao-disparou-65-ao-ano-843-ao-mes-em-1990-quem-era-o-ministro/>. Acesso em 1 dez. 2015.

Paulo, não raro víamos como ainda vemos muitos policiais fazendo lanches rápidos ou “filando a boia” em troca de uma vigilância mais efetiva do estabelecimento comercial e de seus arredores.

Assim, o policial, que historicamente representa a truculência e o conservadorismo, se torna sinônimo de “coxinha” e a gíria transita pela capital do estado de São Paulo, em especial nas regiões periféricas, onde, também historicamente, a repressão da PM é mais ostensiva. Em outubro de 2002, os Racionais MC’s lançam seu quinto álbum, “Nada Como Um Dia Após o Outro Dia”; dentre as 21 canções que compõem a obra, destacamos “Da Ponte Pra Cá”, de autoria de Mano Brown, cuja letra denuncia a desigualdade de classes e o preconceito existente contra quem mora em bairros mais afastados do centro. Os versos que recuperamos nos parecem bastante significativos:

É o estilo favela
E o respeito por ela
Os moleque tem instinto
E ninguém amarela
Os coxinha cresce o zóio na função
E gela

Portanto, à época, o efeito de sentido do termo “coxinha” que circulava era tão somente uma gíria que aludia à figura do policial, não tendo havido, portanto, constituição de fórmula discursiva, posto que, conforme veremos em seguida, os critérios basilares para sua existência não se fizeram presentes como o fazem agora.

Uma análise da circulação de outros sentidos

Na esteira do que se entende por “coxinha” como correlato de policial militar, nos deparamos com esta definição para o termo, categorizada na entrada *Pej. Gíria*:

Pessoa conservadora, contrária a mudanças, politicamente correta que, normalmente, se identifica com os ideais burgueses ou tem uma preocupação exagerada com sua própria aparência⁵.

Tanto mais ampliamos as buscas na internet, mais as definições parecem se multiplicar e se complementar umas às outras. Diferentemente de uma definição

⁵ Definição que consta no dicionário on-line de português Dicio, disponível em www.dicio.com.br/coxinha/. Acesso em 1 dez. 2015.

dicionarizada mais canônica, o site Significados⁶ traz em sua página uma explicação abrangente do sentido do termo, deixando para o último parágrafo a explicação “famoso salgadinho brasileiro, que tem a forma de uma gota e é composto por uma massa que envolve um recheio de frango” que, via de regra, se esperaria que fosse a primeira entrada para o vocábulo. Destacamos, também, as acepções “termo pejorativo usado na gíria e que serve para descrever uma pessoa certinha, arrumadinha” e “a palavra coxinha quase sempre tem um sentido depreciativo e indica um indivíduo conservador”.

Com o intuito de didatizar a movimentação dos significados que identificamos, muito embora saibamos do risco que corremos de parecermos anacrônicos ou reducionistas, adotamos a polarização esquerda versus direita não porque a consideramos como representativa do cenário político atual do país, mas porque, e aí sim, a fórmula “coxinha” se respalda nessa dicotomia para se estabelecer como mecanismo revelador das relações de poder e de opinião vigentes (KRIEG-PLANQUE, 2010).

Sendo assim, pensamos que, num primeiro e segundo momentos, àqueles que se referem, de modo respectivo, ao policial como sinônimo de “coxinha” dos anos oitenta e noventa, e à definição contemporânea de “coxinha” como alguém conservador e de ideais burgueses, o sentido da circulação do vocábulo em questão se desenha como sendo de mão única, da esquerda para a direita, conforme a seguir.

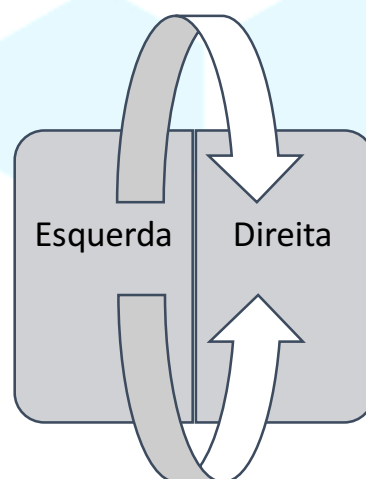


Figura 1. Circulação I: sentido de mão única

⁶ Definição que consta no dicionário on-line de português Significados, disponível em <http://www.significados.com.br/coxinha/>. Acesso em 1 dez. 2015.

Sob essa perspectiva, caso pudéssemos atribuir autoria aos significados produzidos, certamente nos depararíamos com o posicionamento de discurso que parte da esquerda e se projeta sobre a direita ao fazer troça daquilo que seria tradicionalmente valorizado por essa mesma direita e que a esquerda entende, tal qual um simulacro, como sendo sua formação identitária.

Pudemos testemunhar a Circulação I, e somente ela, até o início de 2015 quando observamos uma contraofensiva discursiva da direita por ocasião das manifestações antigoverno, em especial do ato coordenado em algumas capitais do Brasil realizado em 15 de março daquele ano, pois foi a primeira vez que se tornou notório o fato de o chamado “coxinha” transformar o insulto em orgulho e propor um tensionamento da sua acepção. A reportagem “‘Coxinha’ é apelido assumido por manifestante antigoverno”⁷ veiculada pela Folha de S. Paulo em seu caderno são paulo em 22 de março de 2015 relata que o significado do vocábulo passou a adquirir a conotação de “classe média trabalhadora que não aceita mais essa roubalheira”. A partir daí, entraram em circulação discursos antagônicos que empreendem, inclusive, a tarefa de propor uma definição para o que pode ser entendido hoje como “coxinha”. Com isso, verificamos o surgimento de uma Circulação II, em que o sentido vai na contramão do que transitava discursivamente, de acordo com a figura abaixo.

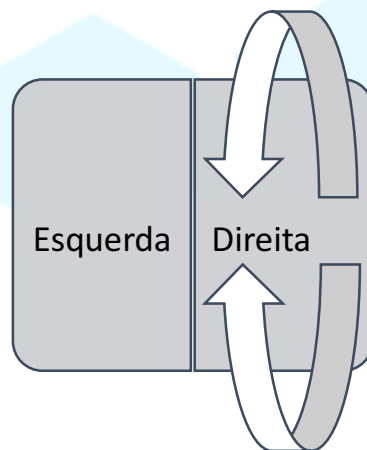


Figura 2. Circulação II: contramão do sentido

⁷ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/03/1605686-coxinha-e-apelido-assumido-por-manifestantes-anti-governo.shtml>. Acesso em 1 dez. 2015.

Naquilo que convencionamos como Circulação II, o sentido proposto pela esquerda é subvertido pela direita e recai sobre ela mesma em vez de ser redirecionado explicitamente à esquerda. A matéria da Folha supracitada, mencionando explicação do professor de ciência política da PUC-SP, Pedro Arruda, afirma que essa forma de encarar o rótulo é semelhante à do *bullying* infantil, quando a criança desconstrói a expressão pejorativa diminuindo sua importância e que o fenômeno não é novo, haja vista o que acontece com algumas torcidas de times de futebol que tomam para si a alcunha que outrora lhes ofendera. No âmbito dos estudos do discurso, especificamente o da fórmula, o suposto esvaziamento de um sentido primeiro em vez de diminuir sua importância acirra a rivalidade discursiva caso levemos em consideração que é a partir do embate que determinada palavra poderá ser aventada como fórmula ao passar a evocar alguma coisa para todos em um momento específico (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92). Do contrário, se uma palavra significar a mesma coisa para todos, ela não terá em si um caráter formulaico.

O quadro que se segue⁸ mostra uma comparação da disputa dos significados em trânsito que “cozinha” tem encarnado após a Circulação II se instaurar e passar a coexistir com a Circulação I:

Definição de “cozinha” alinhada à Circulação II (da direita sobre ela mesma)	Definição de “cozinha” alinhada à Circulação I (da esquerda para a direita)
adj m+f 1 Propenso ao trabalho e ao estudo. 2 Ativo, laborioso, diligente, dedicado, competente.	adj m+f 1 Propenso ao trabalho na empresa do pai e ao estudo em escola no exterior . 2 Ativo na balada , laborioso na empresa do pai , diligente com sua mesada , dedicado a manter o status , competente na diretoria da empresa do pai (chefe nunca está errado) .
subst m+f 1 Aquele que trabalha e que obtém ganhos através de seu esforço. 2 Aquele que dá valor ao mérito. 3 Cidadão brasileiro que não está envolvido em atos de corrupção e que não recebe benefícios do governo de forma ilícita ou sem real necessidade.	subst m+f 1 Aquele que trabalha e que obtém ganhos em empresa por indicação . 2 Aquele que dá valor ao mérito de ter nascido em berço . 3 Cidadão brasileiro que não está envolvido em atos de corrupção e que não recebe benefícios do governo de forma ilícita ou sem real necessidade.

⁸ Há inúmeros sites que veiculam diferentes definições de “cozinha” e elegemos um que nos pareceu bastante completo em termos de coexistência das Circulações I e II. Disponível em <http://jornalgggn.com.br/blog/francy-lisboa/a-autodefinao-do-verbete-cozinha-no-dicionario-informal>. Acesso em 1 dez. 2015.

<p>4 Aquele que não se faz de vítima da sociedade.</p> <p>5 Pessoa que não inveja o que foi obtido através do esforço e do trabalho honesto.</p>	<p>deste governo e por isso quer o antigo governo de volta.</p> <p>4 Aquele que não se faz de vítima da sociedade porque nunca o foi mesmo.</p> <p>5 Pessoa que não inveja o fiat que foi obtido através do esforço e do trabalho honesto, desde que ele não fique na frente de sua SUV no trânsito.</p>
--	--

Quadro 1. Coexistência das Circulações I e II

Ressaltamos em negrito o que figura como a complementação das entradas para o verbete “cozinha” que originalmente parece ter sido elaborado por coenunciadores que se posicionam de acordo com a Circulação II dos discursos – da direita sobre ela mesma. Longe de arrefecer a contenda, em resposta, os discursos da Circulação I voltam à baila em uma tentativa de ridicularizar a circunscrição linguística proposta pelas materialidades da Circulação II representadas pelo Quadro 1 anterior.

Indo mais além, postulamos que a dinâmica que “cozinha” ganha é apreendida por parte do analista do discurso através da noção de primado do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2008) segundo a qual o enunciador não é a fonte do sentido que busca produzir, sendo sua origem, então, anterior a ele próprio e seu enunciado estando vinculado a algo que já foi dito alhures, em um eterno processo de remissão antecipatória a novos discursos. As Circulações I e II nos remetem, ainda, ao princípio da interincompreensão regrada (MAINGUENEAU, 2008), que subentende que os efeitos de sentido produzidos na enunciação são transpostos de uma formação discursiva para outra, isto é, o enunciador distancia-se do Outro e aparta de si o que seria inversamente análogo à sua própria enunciação que, por sua vez, só tem condições de assim se instituir e de se autorreferendar em virtude exatamente desta distinção entre si mesmo e o Outro que se instaura na circunstância enunciativa marcada por áreas de incompreensão recíproca dentro de um mesmo sistema linguístico.

Discussão à luz da noção de fórmula do discurso

Realmente convencidos do potencial de “cozinha” como fórmula, nos lançamos a averiguar, na saturação da materialidade discursiva com a qual fomos capazes de lidar para fins deste artigo, seus elementos constitutivos.

O primeiro critério delimitado por Krieg-Planque (2010) para a existência de uma fórmula é seu caráter cristalizado. A partir das pesquisas que efetuamos no Google⁹, atestamos a cristalização de “coxinha” na imensa maioria das instâncias levantadas, porém fazemos uma ressalva: são aproximadamente 1 milhão e 60 mil resultados para “coxinha”, incluindo aí milhares de referências ao salgadinho de frango. Em um esforço de direcionarmos nossa busca para o efeito de sentido que “coxinha” também produz, pesquisamos “pessoa coxinha” e “coxinha política”, e obtivemos 452 mil e 102 mil resultados, respectivamente. Da certeza de que tais ocorrências se sobrepõem no número indicado como somatória, não tínhamos a intenção de inventariar a totalidade de “coxinhas” referidos nos sites que compõem a base de dados do buscador, mas o levantamento serviu para que assegurássemos que o caráter cristalizado não só torna a fórmula identificável como também viabiliza sua circulação por meio do índice de reconhecimento que ela própria passa a representar. E confirmamos a relativa estabilidade da forma significante da fórmula (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 61), uma vez que à “coxinha” correspondem as ocorrências das variantes “coxinhaço”, com 4 mil e 300 resultados, e “coxinhesco”, mais 527 resultados.

Já o segundo dos critérios diz respeito à inscrição em uma dimensão discursiva, o que equivale a dizer que a apreensão de uma fórmula, como noção própria do discurso e não da ordem meramente linguística, antes de mais nada reside na identificação de um uso específico de uma ou mais palavras corriqueiras – ou mesmo de um neologismo – que transitam livremente por entre os coenunciadores. E se o que nos interessa é como se dá seu uso e a consequente desestabilização do seu sentido é porque “coxinha”, assim como toda e qualquer fórmula, só existe em relação com outros discursos que recupera e a que se refere no contorno de sua própria enunciação, ainda que o faça implicitamente. As ocorrências que podem ser encontradas na Web conforme mencionamos no parágrafo anterior atestam, para além da condensação cristalizada de “coxinha”, como o termo se manifesta nas Circulações I e II. Portanto, também sob o aspecto da dimensão discursiva, confirmamos “coxinha” como fórmula.

⁹ As buscas foram realizadas em 1 dez. 2015.

Com relação ao funcionamento como referente social, o terceiro critério obrigatório para a constituição de fórmula, nos apoiamos no fato de que “cozinha” remete ao cenário político atual de maneira conflitante, posto que significa, no mínimo, mais de uma coisa para todos (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 92). Se houvesse fixidez de significado, ou melhor, se ainda estivéssemos tratando “cozinha” tão somente como sinônimo de policial truculento e conservador conforme explicitado no tópico anterior, não falaríamos de fórmula. A partir do momento que a Circulação II entra em cena, o que elucida sua própria emergência, é que constatamos que os discursos que transitavam acerca do que era entendido por “cozinha” tinham significado apenas para uma parte do todo; com a subversão dos sentidos, “cozinha” abrange a outra parte que faltava para compor esse todo por meio da representação discursiva autorreferente dos seus enunciadores. É assim que a fórmula “cozinha” se torna o mínimo múltiplo comum do enquadramento do discurso, pois por ela necessariamente passam posicionamentos ideológicos ferrenhos que refletem, em certa medida, a conjuntura contemporânea de opiniões de muito extremismo e pouco embasamento.

Abordar o último dos critérios, o caráter polêmico, é quase uma redundância. Isso porque, no mais das vezes, é a polêmica que salta aos olhos e grita aos ouvidos do analista do discurso, operando como elemento disparador para que se empreenda uma pesquisa sobre determinada sequência. Porém vale lembrar que embora toda fórmula seja polêmica por natureza, nem toda polêmica comporta em si uma possibilidade de fórmula e é só a investigação das condições de produção de um sintagma que traz clareza para essa distinção. No caso de “cozinha”, a polêmica surge a reboque da Circulação II – foi aí que pudemos analisar o modo por meio do qual os enunciadores, incluídos os de direita e não mais só os de esquerda, passaram a incluir essa fórmula em seus discursos ou a estruturá-los a partir dela, que carrega consigo questões sociopolíticas e coloca em xeque dimensões identitárias estereotipadas, o que é próprio do conceito de fórmula.

Considerações finais

Se o domínio do discurso é a arena de lutas em que se disputa a verdade pela palavra, seja por aliança, polêmica ou oposição (MAINGUENEAU, 2013), a fórmula ocupa o centro do campo estando amarrada ao fazer linguageiro por um cabo de

guerra – seu sentido é puxado e tensionado de um lado para outro por enunciadores com diferentes posicionamentos político-identitários.

Como expusemos, a confluência das Circulações I e II, viabilizada pela publicização assegurada pelos veículos de comunicação, traz para a superfície do debate forças discursivas extremas que exercem pressão sobre a quem ou a quem “coxinha” se referiria.

Portanto, seguindo uma lógica quase maledicente, quanto maior a circulação da fórmula, maior a notoriedade que ela alcança, o que garante sua sobrevivência. E o volume de circulação aumenta na medida em que o ofendido “coxinha”, ao subverter o significado da ofensa e propor novas acepções para a palavra, também joga o jogo do “falem bem ou falem mal, mas coloquem a fórmula para circular”.

Referências

ALBUQUERQUE, S. M. e. O surgimento dos coxinhas. **Observatório da Imprensa**, 03 set. 2013, ed. 762. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed762_o_surgimento_dos_coxinhas/. Acesso em: 1 dez. 2015.

ARAGÃO, A. Coxinha? É de comer?. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2012, Caderno são paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp2204201209.htm>. Acesso em: 1 dez. 2015.

FAGUNDEZ, I; TEIXEIRA, R. ‘Coxinha’ é apelido assumido por manifestantes antigoverno. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 mar. 2015, Caderno são paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/03/1605686-coxinha-e-apelido-assumido-por-manifestantes-anti-governo.shtml>. Acesso em: 1 dez. 2015.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Trad. Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAGALHÃES, M. Inflação disparou! 6,5 ao ano? 84,3% ao mês, em 1990! Quem era o ministro?. **Blog do Mário Magalhães**, 22 set. 2014. Disponível em: <http://blogdomariomagalhaes.blogosfera.uol.com.br/2014/09/22/inflacao-disparou-65-ao-ano-843-ao-mes-em-1990-quem-era-o-ministro/>. Acesso em: 1 dez. 2015.

MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. Trad. Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6ª ed ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Gênese dos Discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

Recebido em 21 de julho de 2016
Aceito em 19 de dezembro de 2016